

Arco e Reza: A Luta pela Terra e as Ocupações Guarani-Kaiowá¹

Beatriz Brandão RODRIGUES²

Denise PAIERO³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo se propõe a elucidar o processo de elaboração da reportagem “Arco e Reza : A luta pela terra e as ocupações Gurani-Kaiowá”, que investiga o cotidiano e demandas dos Kaiowá do sul do Mato Grosso do Sul.

Hoje, cerca de 43 mil pessoas compõem o quadro indígena brasileiro, a maioria distribuída em ocupações improvisadas ou áreas legalmente reconhecidas, mas ainda precárias, como a Reserva Indígena de Dourados (MS). Nesta reportagem, apresentada como trabalho de conclusão de curso de jornalismo, a visão atual das populações indígenas e o caminho percorrido até aqui são contados a partir de uma narrativa centrada na palavra do índio como especialista de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: índios brasileiros, direito indígena, ocupações, direitos humanos, reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Em outubro de 2012, uma carta aberta assinada por um grupo de índios da etnia Guarani-Kaiowá (Pai-tayterã) mostrou ao país o desespero de um povo em vias de despejo. O relato, que jogava luz ao impacto da ordem judicial dada à comunidade Pyelito- Kue (baseada no município de Iguatemi, no Mato Grosso do Sul), inundou redes sociais virtuais, especialmente o Facebook, de simpatizantes aos Guarani-Kaiowá. Muitos usuários, inclusive, adotaram o nome como forma de identificação em seus perfis. Em suma, a carta, interpretada como o anúncio de um possível suicídio coletivo, caso a liminar fosse cumprida, revelou ao Brasil a fragilidade de proteção oferecida aos indígenas, com a ajuda de novos meios de comunicação e disseminação de conteúdo, por meio de trechos como

Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 08 Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluna líder e estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: brandaobeatrizrodrigues@gmail.com

³ Professora orientadora do trabalho. Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: denise.paiero@mackenzie.br

“decidimos integralmente a não sairmos daqui com vida e nem mortos”, que ilustravam a luta pela demarcação de terra. Nos anos seguintes, as demandas dos Kaiowá perderam visibilidade, ainda que a situação desse povo permaneça delicada, principalmente pelo advento de projetos em votação no Congresso Nacional e manobras políticas.

A aldeia Pyelito-Kue é uma das sete que receberam ou permaneceram sob a ameaça de reintegração de posse de fazendas ocupadas apenas no segundo semestre de 2015. Apyka'i, Guaiviry, Ñande Ru Marangatu, Kurusu Amba, Potrero Guasu, Guyra Kamby localizadas ao Sul do Estado, em proximidade à divisa com o Paraguai, também foram afetadas.

Além do constante temor relativo ao despejo, que se faz ou pela justiça brasileira ou pela ação de pistoleiros - acusados por diversas vezes, como assassinos de líderes ou autores de ameaças -, a população indígena de Mato Grosso do Sul é também vitimada pela maior taxa de suicídios do país. No Brasil todo, segundo o último levantamento organizado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), em 2012, cerca de 11.800 pessoas cometeram suicídios, esta é a oitava maior taxa no mundo. A faixa etária em que o problema se insere também é alarmante. Como em 2013 e nos últimos anos, 2014 foi marcado pela morte precoce de adolescentes de 15 a 19 anos. Até os 29 anos, os índios sul-mato-grossenses fazem parte de um grupo de risco macabro, marcado por suicídios e assassinatos. Em todo o Brasil, 135 índios, a partir dos 10 anos, morreram após lesões autoprovocadas em 2014, de acordo com dados da SESAI (Secretaria Especial da Saúde Indígena).

As principais causas, segundo pesquisadores índios, como Tônico Benites Ava Guarani Kaiowá, e não índios, como Sonia Grubits, Heloisa Bruna Grubits Freire e José Angel Vera Noriega, autores do estudo “Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil”, são atribuídas aos fatores de risco que se instalam nas reservas próximas à cidade. Alcoolismo, casos de violência sexual entre familiares e prostituição, além do preconceito em relação a sua identidade cultural sofrido pelos índios brasileiros fazem parte de uma soma que resulta em suicídios e um ciclo ainda maior dos mesmos problemas, incluindo a miséria e desassistência.

Dentro e fora das reservas, casos de assassinatos também não são raros. O último relatório “Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil”, elaborado anualmente pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), revela que 138 homens e mulheres foram assassinados em 2014. Deste número, 41 se referem ao Mato Grosso do Sul, sendo Dourados a localidade

responsável por 40% dos casos. Desde 2003, o Estado registrou, em média, 51% dos homicídios contra indígenas em todo Brasil. Ao longo dos últimos 12 anos são cerca de 390 mortos.

Neste cenário, o jornalismo se faz necessário com o papel social de denúncia e ampliação do que compreendemos como a história indígena, sempre escrita por brancos. Hoje, as populações indígenas passam a se organizar de maneira autônoma para a veiculação de suas demandas: criam seus próprios artigos e posicionam-se em blogs e páginas em redes sociais. Entretanto, mesmo nesta nova situação, crimes passam despercebidos em grandes jornais e distantes da pressão popular massiva.

2 OBJETIVO

Apresentar um panorama da violência contra índios brasileiros, sabendo que esta é ainda uma realidade que permanece oculta e mistificada no imaginário da maior parte da população não indígena. Sendo esse esquecimento histórico causado por diversas razões, entre as quais se pode elencar a ausência da figura indígena na maior parte dos meios de comunicação, esta reportagem procura construir um retrato do povo Guarani-Kaiowá, a partir de acontecimentos importantes de 2014 e 2015 e estabelecendo conexões que nos levam ao seu passado marcado pela colonização. E, desta forma, exibir pontos comuns a todos os povos nativos, que hoje ainda aguardam a confirmação legal de sua terra como parte de sua identidade.

Neste trabalho, também se propõe novas maneiras para a execução do retrato da história indígena brasileira, de forma que o índio não seja apenas um objeto de pesquisa ou personagem, mas a figura central de como sua memória é contada.

3 JUSTIFICATIVA

Apesar de violentamente massacrados, os povos indígenas ainda tomam pouco espaço em noticiários brasileiros. As notícias mais comuns se referem à ocupação de fazendas e interdições de estradas. Como alternativa à ausência de cobertura jornalística, a internet representa hoje um importante aliado aos processos de demarcação executados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e denúncias contra violência.

Ainda que sejam tomados como objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas das ciências sociais, a realidade dos kaiowá se restringe a suas próprias comunidades e um meio seletivo de teóricos das ciências sociais brasileiras, além de interessados pela causa, que procuram organicamente conteúdos relacionados em plataformas como blogs e sites especializados. Aos poucos, a realidade é transformada por novos meios de uso da internet, que possibilitam a criação de notas e divulgação de denúncias. Hoje, o Facebook é a principal arma de divulgação midiática indígena, por meio de páginas como Aty Guasu (Grande Assembleia, em kaiowá), mantida pelos próprios índios na rede social. Ao mesmo tempo, o direcionamento dos grandes veículos brasileiros sobre a realidade indígena, sempre focada na figura do especialista (antropólogos, estudiosos e professores não índios) ou na mínima quantidade possível de criação de perfis, torna o índio um ser sem rosto ou identidade dentro do território do jornalismo e desconsidera a gama de possibilidades narrativas possíveis a personagens complexos, com perspectivas e mundos distantes aos dos leitores ou espectadores.

Dada a carência de informações e conteúdo jornalístico sobre assuntos indígenas – além do distanciamento humanitário aplicado no material existente –, este trabalho se propõe a fazer a construção de um relato sobre o modo de vida e demandas do povo Guarani-Kaiowá em regiões que compreendem o sul do Mato Grosso do Sul, a partir do município de Dourados (que abriga a maior reserva de kaiowás) a cerca de 400km da divisa entre Brasil e Paraguai, partindo do caso específico das ocupações realizadas nessas áreas. E, assim, apresentar uma resposta possível à interrogação: de que maneira a cobertura jornalística pode retratar as retomadas de territórios indígenas a partir da voz dos próprios índios? A pergunta se faz necessária, considerando a problemática apresentada, pois proporcionar visibilidade a essas questões significa mais do que uma forma de denúncia, mas a compreensão de uma dívida histórica do Brasil em relação a seus povos nativos, que se prolonga ainda hoje, com reprodução de estereótipos, pouco espaço para comunicação e extermínio de uma cultura por meios como a desapropriação de território e assassinatos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A execução da reportagem foi guiada pelo conceito de Jornalismo Literário, proposto por Edvaldo Pereira Lima. Segundo as divisões também estabelecidas por ele, a Reportagem Atualidade é o que melhor se adéqua à temática do ativismo e suicídios kaiowá, pois esta

modalidade "seleciona os temas atuais de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos" (2009, p. 56). E é exatamente esse critério que pode ser aplicado à narrativa voltada para as questões indígenas, pois ainda que se saiba que os problemas desses povos não serão resolvidos facilmente, não se pode supor o destino próximo ou distante dessas populações.

Diferente de um livro, mas ainda conectada a um estilo contextualizado, mas marcado no tempo, a reportagem para revista é uma alternativa com algumas peculiaridades, como a liberdade. Para Marília Scalzo "[a] revista trata o leitor por você, fala com ele diretamente e, às vezes, com intimidade" (2011, p. 37).

Para a construção de um trabalho jornalístico que sobrevoe um campo maior do que o já apresentado nos noticiários e portais em seus breves boletins cotidianos, as entrevistas usaram o conceito de "diálogo", descrito por Cremilda Medina (2008, p. 8), como um trabalho "que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios".

Com os conceitos citados acima, o processo de elaboração da matéria se deu com a coleta de depoimentos e pesquisa em campo, iniciada em viagem à Dourados (MS). Nesta cidade, que abriga uma reserva indígena composta por diversos povos, aconteceria a primeira entrevista, marcada no início de junho, com representantes da Associação dos Jovens Indígenas de Dourados. Ao chegar no local marcado, o endereço estava errado e as ligações não eram mais atendidas. Outro possível entrevistado, de uma das aldeias ocupadas na região, também não foi mais encontrado. A viagem se estendeu à própria reserva, onde conversei com professores e alunos informalmente até ser barrada pela autoridade responsável pela organização e entrada de pesquisadores na reserva. Apesar do pedido de entrevista e visita à sede regional da FUNAI, não foi possível entrar novamente em contato com os habitantes da reserva. Ainda no mesmo dia, o índio e pesquisador Tônico Benites apresentou seus companheiros Lucini Barbosa e Elizeu Lopes, que foram guias até as ocupações em Aral Moreira e Rio Brilhante, em viagem no dia seguinte.

Além da realização de entrevistas, foi necessário acompanhar as mudanças e reviravoltas em projetos de emenda constitucionais e comissões parlamentares especiais instauradas durante os meses seguintes à viagem, até outubro de 2015, e a consulta de legislação

pertinente, relatórios - como o publicado anualmente pelo Conselho Indigenista Missionário -, estatísticas oficiais e denúncias feitas por índios em sites e páginas no Facebook.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao longo das páginas é estabelecido um breve histórico do povo Guarani-Kaiowá, incluindo processos de mudança de território e as marcas provocadas pela "conquista" branca após a Guerra do Paraguai. Essa marcha, guiada pela busca de novas terras, produção da erva-mate típica da região e, mais tarde, captação de mão de obra para usinas de cana-de-açúcar, ainda deixa rastros, seja na memória dos que passaram por algumas dessas etapas de expansão territorial, seja pelo preconceito remanescente da figura do colono, reverenciada como fator de progresso em áreas antes dominadas pelos Guaranis.

Além dos fatores históricos, é estabelecido um panorama das demandas indígenas de hoje, que incluem, além da demarcação de terra, questões básicas de proteção, saneamento, saúde e educação, todas elas ainda pautadas por lutas que envolvem diretamente a violência e violação de direitos humanos. Também são abordados os aspectos que baseiam essas reivindicações, que passam por fatores sociais, culturais, jurídicos e políticos, e se estendem desde a expulsão de territórios tradicionais no início do século passado, até projetos no Congresso, como a PEC 215, que transfere para o Poder Legislativo, reconhecidamente conservador e ruralista, a decisão sobre demarcações de terras tradicionais indicadas pela FUNAI.

A reportagem se divide em capítulos, estabelecidos por cada tipo de violência sofrida pelos índios sul-mato-grossenses, passando pela situação política, vida nas reservas e ocupações não demarcadas, com blocos explicativos sobre casos específicos e uma cronologia com as reviravoltas sofridas pelos Kaiowá.

6 CONSIDERAÇÕES

A partir da utilização da internet como um meio de fortalecimento para movimentos sociais, uma palavra tomou as redes e muitos espaços públicos de discussão: protagonismo. É sobre esse conceito que falam as feministas ao pedirem voz no processo de luta pela equidade entre gêneros, os negros que reivindicam representatividade e populações indígenas que requerem uma maior reverberação de suas demandas. Com quantidades jamais imaginadas

de conteúdos produzidos e opiniões amplificadas, as redes sociais virtuais se reafirmam, diariamente, como espaços em que todos podem falar e, com algum esforço, muitos podem ser ouvidos.

O índio brasileiro - a exemplo de tantos povos nativos expulsos de suas terras tradicionais e, mais tarde, confinados a regiões determinadas, dentro e fora da América Latina, marcada por uma colonização precária - ilustra de maneira fiel a forma como um povo pode, mesmo depois de séculos, ter sua capacidade ainda subjugada por meio da perpetuação de estereótipos. Tutelados por uma série de instituições governamentais até a fundação da FUNAI, as populações indígenas veem hoje, no Facebook, uma de suas primeiras grandes oportunidades de abrirem um canal de diálogo com o restante da sociedade e divulgar o horror que muitas comunidades espalhadas por todo o país vivem. Para os Guarani-Kaiowá, o uso da internet é uma questão, hoje, vital. Por meio dela conseguem mobilizar campanhas de boicote, passeatas e anunciam publicamente ordens de despejo e mortes outrora silenciosas.

Ainda que a presença de um congresso ruralista represente, para eles um retrocesso, e as taxas de assassinatos e suicídios sangrem mais conforme os anos passam, divulgar seus dramas é, sim, um meio de minimizá-los.

Muitas soluções surgem a partir do questionamento sobre a forma como o jornalismo pode retratar a realidade indígena de maneira centrada em seus próprios depoimentos. Neste trabalho, um caminho descoberto foi a presença do oprimido como o protagonista de sua própria história, e principalmente como um ser capaz de narrá-la. Essa habilidade, em nenhum momento suprime o papel de apuração, contextualização e compreensão de visões de mundo distintas que o jornalista se propõe a estabelecer. O que de fato acontece é que todos, jornalismo, perfilados e estudiosos, alinham-se, cada um cumprindo sua vocação. E se esta, para o jornalista, é o ato de narrar histórias, o rumo mais coerente a ser tomado é ouvi-las de quem as vivem.

O jornalismo atualmente, talvez deva participar do processo de emancipação comunicacional de movimentos que ele mesmo não pôde dar conta e compreender, ele mesmo, sua função ainda abstrata no cenário complexo que vivemos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fundação Perseu. Índigenas no Brasil Demandas dos Povos e Percepções da Opinião Pública, 2011. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/>>. Acesso em: 20 mar.2015

CAVALCANTI, Hylda. Câmara reinstala comissão para voltar a apreciar PEC das terras indígenas. Rede Brasil Atual, 17 mar. 2015. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/>>. Acesso em 19 mar. 2015

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil - Dados de 2013. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015

JOÃO, Dom in Colleção das Leis do Brazil de Bibliotheca da Camara dos Deputados de 1809. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1891.

FELLET, João. A cada 100 índios mortos no Brasil, 40 são crianças. BBC Brasil, 24 fev. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140221_sub_mortes_indios_pai_jf>. Acesso em: 18 jan. 2015

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Modalidades de Terras Indígenas. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em 15 jan. 2015.

G1. Brasil é o 8º país com mais suicídios no mundo, aponta relatório da OMS. Portal G1, São Paulo, 4 set. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/09/brasil-e-o-8-pais-com-mais-suicidios-no-mundo-aponta-relatorio-da-oms.html>>. Acesso em 13 de fev. 2015.

GIOVANI, Dener. Relatório perdido comprova massacre indígena no Brasil. Blogs Estadão, 26 abr. 2013. Disponível em: <<http://sustentabilidade.estadao.com.br/blogs/dener-giovanini/fique-por-dentro-2/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

GRUBITS, S., FREIRE, H. B., & NORIEGA, J. A. Suicídios de Jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, p. 504-517, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 15 mar. 2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudos Especiais: Povos e Etnias. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>>. Acesso em 15 mar. 2015.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Kaiowá e Guarani reivindicam somente 2% das terras do MS. Entrevista especial com Spensy Pimentel, Porto Alegre, 14 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/529150-kaiowa-e-guarani-reivindicam-2-das-terras-do-ms-entrevista-especial-com-spensy-pimentel>>. Acesso em: 18 abr. 2015

LIMA, Edvaldo PEREIRA. Páginas ampliadas. Editora Manole, São Paulo, 2009.

LUNA, Paulo Roberto Martiniano de. A Educação Indígena na Aldeia Guarani do Jaraguá, em São Paulo. Disponível em <<http://www.veracruz.edu.br/>>. Acesso em 18 abr. 2015.

LUIZY, Luana. Diante do massacre imposto, comitiva Guarani-Kaiowá cobra dos órgãos governamentais garantia de direitos previstos na CF em Brasília. Conselho Indigenista Missionário, Brasília, 16 out. 2014. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

LYONS, Charles. Suicides Spread Through a Brazilian Tribe. The New York Times, 2 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista - O diálogo possível. Editora Ática, São Paulo, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Em decisão inédita, polícia é acionada contra fazendeiro que descumpriu ordem judicial e impediu acesso a comunidade indígena. MPF Online, 27 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.prms.mpf.br>> Acesso em 17 jan. 2015

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção do Suicídio - Um Recurso Para Conselheiros. Genebra, 2006.

PACHECO, Rosely Aparecida Stefanés; PACHECO, Isabela Stefanés. La actuación de la mujer indígena guaraní kaiowá en las reivindicaciones territoriales. Íconos: Revista de Ciencias Sociales, Ecuador, n. 45, p. 25-39, 2013.

PARELLADA, Alejandro (org). Suicídio Adolescente em Povos Indígenas. Arte Brasil Editora, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Viviane. MS tem população indígena de 61 mil índios, 18% deles em 1 única aldeia. Campo Grande News, Campo Grande, 2012. Disponível em <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/-ms-tem-populacao-indigena-de-61-mil-indios-18-deles-em-1-unica-aldeia>> Acesso em 12 de fev. de 2015

RETÃ, Guarani. Povos guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai, 2008. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/>>. Acesso em: 20 fev. 2015

ROCHA, Bruna in FERNANDEZ, Nayana. Índios Munduruku: Tecendo a Resistência. Filme. Produção de Sue Branford, Mauricio Torres e Nayana Fernandez, direção de Nayana Fernandez. Reino Unido/Brasil, 2014. Disponível em: <<https://vimeo.com/112160970>>. Acesso em: 12 de fev. de 2015.

SCALZO, Marília. Jornalismo de Revista. Editora Contexto, São Paulo, 2011.